

Traduções: miríades reflexivas sobre vivências de leste a oeste

Após a publicação de mais um número temático, a *Cadernos de Literatura em Tradução* novamente avança por caminhos vários: este novo número, de caráter geral, contempla Teorias da Tradução, empreende análises de dados e da prática tradutória, propõe pensares sobre a atividade de traduzir em diálogo com a tradição das teorias, bem como recupera o que já foi traduzido, convocando autores mais e menos conhecidos que vão do Oriente ao Ocidente anglófono e não só, além de contribuir com novas traduções.

Este é o caso de “Algumas Viagens de Hart Crane” que Anderson Lucaresi escreve, acenando a importância tanto do autor ao Modernismo anglófono, quanto de uma nova tradução, apesar das duas já consagradas e que ele convoca. O revisitar das traduções existentes e novas propostas também aparece em outros exercícios aqui desvelados, tais como no de Beta M. X. Reis em “Devoração: leituras de traduções de *Lady Lazarus* de Sylvia Plath e uma proposta de tradução selvagem”. Novas propostas tradutórias que dialogam com anteriores estão para além de meros novos exercícios: retomam a importância da continuidade da prática essencialmente poética que é a tradução de poesia.

O traduzir poesia, aliás, é típico recorrente nas páginas desta edição, desdobrado em línguas diversas. Só na língua inglesa, são múltiplas as vozes: além dos já mencionados Crane e Plath, o modernista norte-americano Wallace Stevens figura em tradução de Alessandro Funari; Nayyirah Waheed, contemporânea que se destacou pela difusão de seus poemas nas plataformas digitais, surge traduzida por Ana Carolina do Vale; Emerson Cardoso e Juliana Steil analisam à luz do século XXI o dialeto afro-americano oitocentista em um poema de Paul Laurence Dunbar, e José Huguenin traduz e comenta a curiosa poesia da matemática romena Sarah Glaz.

Do alemão, Carolina Meire de Faria traduz “*Die Helige Bahn*”, de Friedrich Hölderlin; do francês, marcam presença Mina Loy, traduzida por Marcela Lanius, e Jacques D’Avray (pseudônimo de José de Freitas Valle), pela dupla Valter Pinheiro e Lucas Duarte; do japonês, por fim, Michelle Buss e Nathália Martins analisam e traduzem o *Midaregami* de Yosana Akiko.

Dentro da prosa de ficção, Priscila Campello e Arthur Almeida Passos traduzem e comentam o conto “*Suitors*”, de Pauline Kaldas, e Cynthia Costa e Lenita Pisetta assinam tradução e notas de “*E.A.P.: A Note*”, de Peter LaSalle, interessante proposta pensada em conjunto com os alunos de um curso de graduação em Letras e posteriormente desenvolvida pelas autoras. Ainda dentro do gênero e na senda da literatura traduzida, das comparações, da reflexão sobre o fazer tradutório e o diálogo com o que já se propôs, lemos o texto de Daniel Vieira Gonçalves, “E morreram felizes para sempre: tradução comentada, a quatro línguas, de ‘*Manor*’”. Ademais, como parte do Leste Europeu neste nosso Ocidente tropical, Marcella Gonçalves traduz e comenta o folhetim “No Café”, de Mikhail Bulgákov, onde desvela uma faceta pouco explorada do autor ucraniano. Reflexões sobre a relação entre literatura, tradução e linguística de *corpus* constituem o artigo de Emiliana Bonalumi, voltado à análise de traduções para o inglês da obra *Água Viva*, de Clarice Lispector.

Extrapolando os limites da literatura, Henrique Felisberto assina a resenha crítica da obra *Intersemiotic Translation: Literary and Linguistic Multimodality*, da pesquisadora Aba-Carina Pârlog; por fim, como não pode faltar, Cristina Maria Ceni de Araujo nos brinda com mais uma entrevista. O entrevistado da vez foi Wilson Alves-Bezerra, que comenta sobre sua formação como tradutor, seu processo tradutório, obras traduzidas e muito mais. Alves-Bezerra também é escritor, crítico literário e professor de literatura da Universidade Federal de São Carlos.

Agradecemos imensamente a todos os autores, tradutores e colaboradores deste número, principalmente, aos pareceristas que nos honram com os seus olhares dedicados.

Esperamos que o leitor receba este rico material com a mesma satisfação com que recebemos, avaliamos e organizamos cada artigo que o compõe e que possamos prosseguir na divulgação da literatura em tradução e do pensar sobre este fazer que é a tradução literária.

Gisele G. Wolkoff

Pedro Mohallem